



**Diana, Princesa de Gales:
uma análise das manchetes do Daily Mirror sobre Lady Di**

**Diana, Princess of Wales:
an analysis of the Daily Mirror headlines about Lady Di**

Mayara da Silva Nunes¹

Resumo: Este artigo apresenta o fenômeno da tabloidização e a construção midiática em torno da Princesa Diana. O objetivo geral foi analisar a personificação da Diana na mídia, a partir do tabloide britânico Daily Mirror, tendo como perspectivas as nuances acerca dessa relação midiática. Para isso, foram selecionadas algumas manchetes para a análise dentro do período que antecede o acidente da Princesa de Gales. Nessas manchetes, verificamos que, em sua maioria, a construção era de teor negativo, mostrando, assim, uma imagem machista e sexista em torno da figura de Lady Di.

Palavras-chave: Princesa Diana; Daily Mirror; Jornalismo Amarelo; Tabloides.

Abstract: This article presents the phenomenon of tabloidization and the media construction around Princess Diana. The general objective is to analyze this personification, from the British tabloid newspaper Daily Mirror, having as perspectives the nuances about this media relationship. In the analysis of the content of the newspaper headlines, it is verified that, for the most part, the construction was of a negative content, showing a sexist image around the figure of Lady Di.

Keywords: Princess Diana; Daily Mirror; Yellow Journalism; Tabloids.

¹ Recém-graduada em em Comunicação Social pela Uninassau João Pessoa. E-mail: mayarasilvan97@gmail.com



Introdução e processos metodológicos

O tabloide é um formato jornalístico popularizado no mundo. A tabloidização conquistou espaço e conhecimento pela veiculação massiva, acessibilidade e pela linguagem simples. Alguns dos conteúdos favoritos desse formato é a cultura da celebridade e personalidades, como afirma Conboy (2011). Segundo o autor, os jornais passaram a incluir mais comentários sobre o estilo de vida de quem está na mira do público: as celebridades. Essa categoria pode ser considerada o alimento desses meios, pois suas vidas se tornam manchetes que logo viram mercadoria e são vendidas.

A tabloidização é tradicional na Europa e muito popular principalmente entre os britânicos. Além disso, a Inglaterra é o palco da Família Real, principal alvo dos tabloides, pois suas vidas são uma curiosidade entre aqueles que querem saber o que acontece por trás dos muros do Palácio de Buckingham. Assim como a Família Real, Diana, Princesa de Gales, marcou a mídia mundial com sua popularidade, sendo alvo principalmente no período pós-separação real com o príncipe Charles, em 1996.

Diante deste contexto, esta pesquisa visa analisar como esse processo de tabloidização demarcou a Princesa Diana na sua personificação ante a mídia britânica. Este estudo foi pensado não apenas devido à importância social e histórica do assunto, tendo em vista a grande repercussão midiática e mundial da morte da princesa, mas também como forma de contribuir com os estudos jornalísticos que já abordam a temática. Para a realização da análise, foi criada uma tabela de conteúdos veiculados por um tabloide específico, o *Daily Mirror*, destacando se o que foi publicado sobre a princesa Diana, no período de 1 de janeiro de 1996 a 31 de dezembro de 1996, que antecede seu trágico acidente, era positivo ou negativo.

Também foi utilizada pesquisa bibliográfica, visando a coleta de informações científicas sobre o tema, destacando-se a contribuição de teóricos como Adorno (1997), Conboy (2011), Horkheimer (2005), Morton (1992), McLuhan (2005), entre outros. Também são apresentadas as características dos tabloides, sua origem, formatação e estilo. Por fim, destaca-se a relação entre Diana e os tabloides. Este trabalho é parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), pelo curso de Jornalismo da Uninassau João Pessoa, que teve a orientação da professora Kaline Vieira.



Neste trabalho foi utilizado o método de Análise de Conteúdo que é descrito e explicado por Bardin (2011) como um conjunto de técnicas e análises com fins de responder à pergunta principal do problema estudado. Para obter essa análise é preciso passar por algumas etapas da pesquisa que exige do pesquisador atenção, tempo e dedicação para ter aproveitamento e êxito ao final do estudo.

A priori, na pré-análise, segundo Bardin (2011), é necessária uma leitura flutuante para saber do que se trata o conteúdo. Após feita essa leitura, o pesquisador precisa entrar na fase da coleta do material a ser estudado. Por conseguinte, é realizada uma análise do que foi encontrado, em seguida, parte-se para a construção do corpus do trabalho. Neste estudo, foram utilizados como critérios de seleção: a exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência.

A enumeração pode ser feita por meio da presença (ou ausência), intensidade, direção, frequência, ordem e co-ocorrência (análise de contingência). Após a codificação e enumeração, o pesquisador deve-se atentar para a categorização, etapa que contará com alguns critérios citados por Bardin (2011) como semântico, sintático, léxico ou expressivo. Com todas as etapas da pré-análise finalizadas, chega-se aos resultados obtidos e a sua interpretação, que também pode ser a análise. A interpretação é feita através da inferência, que, para Bardin (2011, p. 133), poderá “apoiar-se nos elementos constitutivos do mecanismo clássico da comunicação: por um lado, a mensagem (significação e código) e o seu suporte ou canal; por outro, o emissor e o receptor.” Com isso, a pesquisa passará para a parte em que o pesquisador coloca todos os métodos usados e escolhidos por ele para chegar até a resposta do problema que pretende responder com essa análise.

O *Daily Mirror*, também conhecido como *The Mirror*, é um tabloide diário britânico fundado em 1903, conhecido por sua cobertura de *showbusiness* e televisão. Depois de um longo tempo como jornal impresso, ganhou uma versão online no *Mirror.uk*, onde publicam histórias da equipe *Mirror Online*, como o *Daily Mirror*, *Sunday Mirror* e *Sunday People*. Também trabalham em colaboração com *Reach PLC* na Grã-Bretanha e na Irlanda. O presente periódico foi escolhido uma vez que suas manchetes sobre Diana eram constantes e por possuir um acervo completo com diversos materiais a serem estudados disponíveis.



Feita a escolha do tabloide, partiu-se para o ponto de filtragem do material, quando foi decidido que se deveria obter as manchetes do ano anterior à morte de Diana (1996). Desta forma, foram filtradas, no próprio acervo, manchetes coletadas no período de 1 de janeiro de 1996 a 31 de dezembro de 1996. Para coleta, foi utilizado o termo “*Princess Diana*”, sendo encontradas 732 menções. Destas menções, foram selecionadas 140 manchetes, de diferentes edições, levando em consideração o requisito de importância e seriedade, visto que algumas eram fantasiosas ou apenas citações, não possuindo relevância para a pesquisa. Após selecionadas as manchetes, houve uma categorização em: Positivas, Negativas e Neutras, para a compreensão de qual tipo de conteúdo era publicado envolvendo o personagem da análise. Após separar as manchetes, elas foram organizadas em um quadro com as datas e traduções feitas para o português, observando as expressões usadas para se referir a Diana e os assuntos mais abordados sobre sua vida pessoal e seu então estado de saúde.

1. Relação Princesa Diana x mídia britânica

A relação entre Diana e a mídia sempre foi conturbada. Ambos viveram em uma relação que poderia sair do controle, porém, até então, a Princesa ganhava com eles e eles com ela. Os dois se usavam em uma disputa desenfreada com propósitos distintos, mas fins iguais: manter Diana no foco. Os tabloides vivem de fofocas e escândalos e quando se trata da realeza britânica eram ainda mais presentes. Diana era sem dúvidas uma das pessoas mais fotografadas, biografadas, exibidas e narradas. Sendo uma das pessoas mais visíveis do mundo durante décadas, Lady Di lançava tendências tanto na moda, quanto em manchetes e capas de jornais. A mídia criou uma espécie de novelização sobre a vida da duquesa de Gales. Os tabloides falavam constantemente sobre a Princesa de Gales, como cita o documentário *The Story of Diana* (2017).

O espetáculo criado ao redor da morte de Diana foi mais um fator que nos leva a pensar em como e até onde os tabloides e o jornalismo sensacionalista vão para ter a atenção de seu público. A morte da princesa foi um fenômeno global como toda sua vida também havia sido. O funeral foi transmitido em 60 países e teve uma audiência superior a um bilhão de pessoas



em todo o mundo (FUNERAL..., 1997), ficando atrás apenas de outro recorde de Diana: o seu casamento com o príncipe Charles.

O fato é que desde o início da vida com Charles, a duquesa de Gales enfrentou momentos de amor e ódio junto aos tabloides. Usavam sua imagem e seu nome para lucrar tendo em vista a alta procura do público pelo dia a dia de Diana e por ela ser considerada a “princesa do povo”, possuindo muita popularidade entre o público britânico e até os que não moravam na Inglaterra. Diana tornou o conto de fadas envolvendo o príncipe e a plebeia em realidade ao se casar com Charles, então todos sentiam-se vivendo no conto, e os tabloides vendiam essa história todos os dias e de todas as formas, invadindo a privacidade de Diana e sua família.

Os *paparaziss* perseguiam Diana por todos os lugares e, muitas vezes, apenas sua beleza e seu vestuário importavam para eles, pois Diana era considerada a beleza ideal e o exemplo de mulher da época. Porém, a princesa queria usar essa imagem de mulher perfeita para coisas maiores. Havia então, a troca de favores entre Lady Di e os *paparazis*: ela entregava a foto perfeita e eles a seguiam para onde ela quisesse, fazendo assim, com que ONGs que Diana apoiava ganhassem espaço nos jornais e visibilidade entre o povo britânico. Uma troca arriscada que rendeu sua vida no final, mas Diana sem dúvidas conseguiu atrelar sua imagem aos que necessitavam ser vistos (BRAGA; CANZIAN, 1997).

Como relatou Adorno (1997), o belo é sempre útil, e a beleza é o que se quer ver em publicidades e capas de revistas. Diana era a imagem do momento, o rosto mais lindo e considerada a sensação do ano quando se tratava de vestidos e cortes de cabelo. Todos esses fatores contribuíram para os tabloides a quererem em suas capas principais, e isso teria causado em Lady Di uma forte depressão, pois, como a Princesa relatou em seu livro *Diana: Her True Story In Her Own Words* (1997), ela se sentia pressionada para ser sempre perfeita como queriam. Este fato desencadeou em Diana uma anorexia grave, uma vez que passou a receber críticas de que estava acima do peso pela própria mídia. Essas críticas, aliadas à falta de apoio da realeza britânica e a grande pressão sofrida da parte dos jornais e tabloides, a levaram a tentar suicídio algumas vezes.

Diana marcou a mídia britânica por ser fotografada e biografada diversas vezes pelos próprios culpados de seu acidente, tanto que a BBC Brasil publicou a história de Lady Diana



só com fotos percorrendo toda a sua trajetória (A VIDA..., 2017). Ela veio para Windsor para ser a esposa perfeita e a nora ideal, mas se mostrou mais do que isso: ela dominou o cenário midiático. Diana não precisava dizer nenhuma palavra, pois uma única foto sua já rendia capa e era vendida com sucesso. Contudo, essa perseguição prendeu Diana em casa. O documentário *The Story Of Diana* (2017) mostrou a verdade por trás das fotos que tiravam dela. Por mais que fossem consideradas perfeitas, as fotografias eram tiradas à força pelos *paparazzis*, muitas vezes com ela e seus filhos ainda pequenos. Diana pedia incessantemente para que parassem de fotografar, pois seus filhos eram crianças e não precisavam de exposição. Diante disso, muitas vezes foi induzida pelos fotógrafos a ser agressiva, o que, segundo seu irmão Charles Spencer, não era do seu feitio, apesar de merecerem. Era visível que toda paciência que ela tinha estava no fim. Os problemas de saúde e as perseguições estavam passando do controle.

Quando os tabloides não tinham mais o que tirar de Diana, os rumores do relacionamento extraconjugal do príncipe Charles com Camilla Parker estavam em todas as manchetes de jornais e os *paparazzis* pressionavam a Princesa nas ruas sobre o assunto. Em entrevista ao jornalista Andrew Morton, em 1997, Diana descreveu que estava cansada e não aguentava mais a insistência dos *paparazzis* sobre o assunto, a culpando pela traição de Charles. Segundo relatos de Diana, em seu livro, os tabloides diziam que ela trabalhava demais cuidando dos seus seguidores e suas causas, deixando seu casamento em segundo plano. Diana finalizou dizendo que as brigas com Charles só aumentavam conforme a mídia citava os rumores e isso estava a consumindo por dentro. Diana era o rosto perfeito dos tabloides e jornais britânicos, chegando a ser capa de jornais pelo mundo inteiro. Ela de fato escondia a verdadeira face do que a mídia estava fazendo. Esse amor que a imprensa tinha por sua imagem, a fez personagem importante de estudos sobre o jornalismo, em casos sobre a espetacularização da morte e como, até neste tipo de situação, os tabloides lucram.

2. O processo de tabloidização

Os tabloides são um formato de jornal que apareceu no Reino Unido, em meados do século XX, com notícias curtas e, em sua maior parte, sensacionalistas, dando ênfase em escândalos e assuntos relacionados ao jornalismo amarelo. Por ser de origem britânica, os



tabloides são particularmente populares em Londres, onde facilmente circulam por bancas e até de forma on-line. São protagonistas de escândalos e acusados de causarem conflitos para ganharem matérias, pois estão sempre à frente quando se trata de furos de reportagem. Alguns tabloides são acusados de instalar grampos de forma ilegal só para invadir a intimidade de famosos e pessoas importantes na mídia.

De acordo com o artigo “A crise dos tabloides ingleses”, de Lilia Diniz, publicado no *Observatório da Imprensa* (2011), há no Reino Unido um culto à celebridade que alimenta e dá fortalece esses tabloides, fazendo-os passar dos limites na busca por informações, ou até, veiculando *fake news*. Com relação à realeza, colocar um membro da família contra outro é uma forma que os tabloides encontram de ter o furo ideal e ganharem mais um escândalo, já que, a realeza britânica é muito popular e os assuntos que a envolvem mesma são de curiosidade do público, que adora saber os bastidores dos nobres.

Já em 2011, o *Daily Mirror* foi acusado em um novo escândalo de espionagem² contra Heather Mills, ex-mulher do músico Paul McCartney, no qual ela acusa um jornalista do *Trinity Mirror*, que publica o tabloide *Daily Mirror*, de espionar suas ligações telefônicas em 2001, antes que ela se casasse com o músico. Tais casos levantaram novamente a discussão sobre os limites que esses tabloides ultrapassam. McLachlan e Golding (2000), em estudo, observaram todas as esferas da tabloidização com foco na imprensa britânica. Ambos notaram que divididos em quatro análises teriam os processos que fazem um tabloide ser um tabloide: o alcance, para observar a medida com que a tabloidização acontece; a forma, que está relacionada com as notícias e os recursos informativos já que a principal tendência de um tabloide é o texto curto e a facilitação a leitura, portanto procuram a compreensão, fazendo uso de ilustrações, imagens e o uso de vocabulário simples; o estilo, quanto mais informal, pessoal e simples, mais assume a forma de um tabloide; e a estrutura do mercado, que trata das mudanças nos meios econômicos e políticos, em que esses dois segmentos alteram o processo de tabloidização por se tratarem da base para o início da notícia, onde é analisado o atual cenário desses dois meios antes do processo se iniciar.

² EX-MULHER de McCartney diz que foi grampeada pelo jornal Daily Mirror. **Exame**. Publicado em: 3 out. 2011. Disponível em: <<https://exame.com/mundo/ex-mulher-de-mccartney-diz-que-foi-grampeada-pelo-jornal-daily-mirror/>>. Acesso em: 3 dez. 2020



Apesar de serem causadores de conflitos, os tabloides nem sempre são sinônimos ruins no jornalismo. Alguns agem para o bem da sociedade quando, por seus meios de investigação, conseguem denunciar casos graves que ferem a lei, como o tabloide americano *Enquirer* que, em 1987, atrapalhou a candidatura à presidência dos Estados Unidos de Gary Hart ao revelar que ele mantinha um caso extraconjugal. O mesmo tabloide, em 1995, fez a cobertura do caso do ex-jogador de futebol americano OJ Simpson, acusado de matar a mulher. Em 2008, o *Enquirer* foi indicado ao prêmio máximo do jornalismo americano, o *Pulitzer*, por desvendar outro caso extraconjugal, dessa vez envolvendo o candidato à presidência dos Estados Unidos John Edwards, que mantinha uma amante fora do casamento, a qual estava grávida dele. O caso repercutiu em todo o país pela reportagem bem-feita e de interesse público. Portanto, os tabloides nem sempre são sujos e antiéticos, muitas vezes têm um trabalho de serviço público e de utilidade para junto à sociedade.

Para Biressi e Nunn (2007), é importante ressaltar que a cultura dos tabloides se originou da imprensa escrita, mas tem raízes no rádio e na televisão, com programas de *Reality Shows*, de entrevistas, comédia, revistas cor-de-rosa e alguns documentários, entre outros gêneros que podem entrar no meio da tabloidização. Um dos maiores e mais importantes focos nos estudos sobre os tabloides envolve a televisão e seus noticiários e programas de TV, de cunho apelativo e sensacionalista, que invadem privacidades e, mesmo assim, têm grandes alcances de audiência e predileção do público.

3. Análise da pesquisa

As manchetes analisadas fazem parte do acervo britânico *British News Paper*, um site onde são armazenados matérias e artigos dos principais jornais britânicos. Para ter acesso a elas, foi preciso pesquisar pelo nome “Princess Diana” na aba de buscas do acervo filtrando por conteúdos referentes apenas ao *Daily Mirror*. Com isso, tivemos o resultado de 9.276 citações. Para obter um resultado mais específico, filtramos o conteúdo somente no ano escolhido, assim, os resultados chegaram a 732. Desse total, foram selecionadas 140 manchetes que citavam a



princesa ou se retratavam a ela. Posteriormente as manchetes selecionadas foram separadas em categorias, destacando as positivas, negativas e neutras.

Ao analisar a tabela, foi notada a presença de 62 manchetes de cunho negativo, 28 manchetes positivas e 50 de conteúdo neutro. Nesse caso, a presença maior de manchetes de cunho negativo responde à questão sobre qual tipo de conteúdo estava sendo publicado neste ano. Se levarmos em consideração o resultado dessa reunião de manchetes, tendo uma subdivisão das negativas, já que foram maioria, seria perceptível notar a presença de contextos como o divórcio, já que 1996 foi o ano do fim do casamento real entre Diana e Charles.

Um exemplo disso é a manchete *Now the door is open for Camilla* (Agora as portas estão abertas para Camilla, tradução nossa) publicada em 29 de fevereiro de 1996. O conteúdo fala sobre a amante do Príncipe Charles, Camilla, afirmando que ela foi o principal pivô da separação do casal e que, agora com o divórcio chegando, estaria com o caminho livre para ficar com o príncipe. Outro conteúdo sobre o divórcio do casal real é citado em *Diana: Hurry up divorce* (Diana: Aprese o divórcio, tradução nossa), publicada em 10 de maio de 1996, já que uns acreditavam que a Princesa de Gales estava querendo o divórcio o mais rápido possível diante da situação emocional em que se encontrava no momento, causada pelas traições e brigas com Camilla. Outras manchetes afirmavam que Diana tinha um novo pretendente à vista e, por isso, a pressa em assinar o divórcio, como é relatado na manchete de 27 de agosto de 1996, *How Di hints at a future wedding as final divorce looms?* (Como Di sugere um futuro casamento quando o divórcio se aproxima? - Tradução nossa). Levando em consideração que o divórcio oficialmente aconteceu no dia anterior.

Outro contexto abordado foi a situação dos títulos reais de princesa. Com o fim do casamento, Diana perderia o título, e o público britânico era contrário a essa determinação pela grande popularidade que ela possuía. Esse contexto pode ser encontrado na manchete do dia 1 de julho de 1996, intitulada “*No crown, no curtsy, said little Danielle*” (Sem coroa, sem reverência, disse a pequena Danielle, tradução nossa), como também em 17 de julho de 1996, com *Tittle Fight* (A briga do título, tradução nossa); e “*Di’s divorced at the double*” (Di está divorciada ao dobro, tradução nossa), de 16 de julho, que faz uma brincadeira com o fato de Diana está prestes a se divorciar de Charles e também dos títulos de princesa, tendo assim um divórcio duplo.



Outro fator importante foram as manchetes envolvendo a aparência de Diana, oito ao total, diante do contexto que havia assumido recentemente: sofrer de anorexia e bulimia causados pelo estresse do casamento e pressão da Família Real sobre ela. Os tabloides foram duros com a princesa nesse período, utilizando esse assunto para criar manchetes com foco em seu estado de saúde mental e aparência naquele momento. Diante do contexto, temos como exemplo a manchete do dia 10 de janeiro de 1996, intitulada como “*Depressed, Vulnerable and Totally Alone*” (Deprimida, Vulnerável e Totalmente Sozinha, tradução nossa), se tratando do atual estado em que a princesa se encontrava. Morton (1997) relata, em seu livro *Diana: Her True Story In Her Own Words*, que ela passava os dias em casa trancada em seu quarto.

Ainda se tratando da saúde mental, no dia 7 de março de 1996, o *Daily Mirror* publicou a Manchete “*Nobody heard her cries*” (Ninguém escutou os choros, tradução nossa) referente às crises de ansiedade que Diana sofreu dentro do palácio, como a própria relata no documentário sobre sua história *Diana: In Her Own Words* (2017). Essas crises de ansiedade eram frequentes e renderam outras duas manchetes sobre esse assunto, uma no dia 23 de abril, “*Pure theatre, Di*” (Puro Teatro, Di, tradução nossa), e outra em 13 de março de 1996, “*Diana is na enemy to herself*” (Diana é inimiga dela mesma, tradução nossa), que se refere às crises de bulimia que a Princesa de Gales adquiriu juntamente com as crises de ansiedade.

Seguindo o que foi exposto no parágrafo anterior, a bulimia era um dos principais problemas enfrentados pela princesa. A própria Diana relatou à BBC, em 1995, que era difícil confortar a si mesma enquanto ela confortava os outros (BULIMIA..., 2020). Com isso, no dia 9 de abril de 1996, a manchete “*Di's cellulite shuffle Her Royal Thighness*” (Celulites de Di embaralham suas coxas reais, tradução nossa) desmerece fisicamente a princesa expondo com um teor irônico por usar a palavra *royal* para se referir a partes do corpo de uma princesa, tendo em vista e conhecimento do atual cenário preocupante que Diana se encontrava em relação ao seu corpo e sua saúde mental. Além dessa manchete, outras também fazem referência à aparência da Princesa de Gales, como em 5 de janeiro de 1996, com “*The Expert: Gym works for Di*” (Especialista: Academia funciona para Di, tradução nossa).

Outro assunto abordado dentro das matérias foram os escândalos que envolviam Diana em 1996. Foram diversos acontecimentos nesse período, mas os mais recorrentes tratavam do seu relacionamento com o guarda real James Hewitt, explorado na manchete “*Hewitt goes LIVE*



to mill beans on Di” (Hewitt vai ao vivo para “moer feijão” em Diana, tradução nossa) publicado em 23 de maio. A expressão *mill beans* significa expor algo que é segredo, como espalhar feijões se traduzido literalmente, com isso, a manchete relata o fato de James Hewitt assumir publicamente que tinha um relacionamento com a Princesa de Gales. Por fim, outro escândalo, foram as declarações de Diana contra a família real sobre a traição de Charles e sobre como ela nunca foi aceita de verdade entre eles, ambos acontecimentos são abordados no documentário sobre a família real *The Royal House of Windsor* (2017) e *The Story of Diana* (2017). Com isso, manchetes como “*Stop your nasty lies, Di*” (Pare com suas mentiras desagradáveis, Di, tradução nossa), de 22 de janeiro, e “*Shut it, Di*” (Cale-se, Di, tradução nossa), em 1 de março, expressam o descontentamento da imprensa da época ao se referir às declarações de Diana como mentirosas e pedindo para que ela se calasse.

De forma geral, as manchetes encontradas e os contextos analisados conseguem responder à questão inicial do trabalho, que é o envolvimento, mesmo que indireto, dos meios de comunicação, mais especificamente neste caso, o tabloide *Daily Mirror*, com a perseguição em massa envolvendo a personagem da análise, Diana. Por ter em sua maioria manchetes negativas, pode-se concluir que, com isso, o tabloide contribuiu indiretamente com o assédio da imprensa em cima da Princesa de Gales, dificultando assim sua trajetória pessoal e na realeza com manchetes negativas sobre assuntos privados e delicados, levando a mesma até o acidente que teve como consequência seu falecimento, em 31 de agosto de 1997. Neste dia, Diana estava fugindo de um carro de *paparazzis* que a perseguiram pelo túnel da Pont de l'Alma em Paris, França.

Tabela: 140 manchetes

POSITIVAS	NEUTRAS	NEGATIVAS
28	50	62

Considerações finais



Diante do contexto estudado e do resultado da análise com as manchetes obtidas, a pesquisa mostrou que a maioria das manchetes apuradas pelo Daily Mirror tinha um teor negativo, demonstrando, então, que a perseguição a Diana no ano anterior de sua morte (1996) estava de fato acontecendo. O resultado desta pesquisa ratifica a necessidade dos veículos de comunicação de se preocuparem não só com a matéria veiculada, mas também, com o modo como o público e a pessoa referenciada nela, ou seja, o personagem da matéria vai receber esse conteúdo. Reitera-se ainda a preocupação de que conteúdos de teor negativos afetam a vida das pessoas, principalmente, dependendo do contexto pessoal, em que estão no momento da veiculação dessas manchetes. É preciso, acima de tudo, a ética para cumprir com o dever do profissional de imprensa de noticiar os fatos comprovados e sem difamações ou apelos.

Com ajuda do referencial teórico utilizado para compreender o contexto da pesquisa, como o estudo da imprensa, o jornalismo amarelo e os tabloides, assim como a metodologia aplicada, foi vista a influência do *Daily Mirror*, fortificando a hipótese levantada sobre a interferência da mídia no caso Diana. Também foram encontrados novos problemas como: a utilização de problemas de saúde mental como piada pela mídia, as críticas à aparência das celebridades por parte da mesma e o estudo do caso Meghan Markle, pela semelhança entre os casos com relação ao envolvimento com os tabloides, que podem servir como objetos de estudos e análises em trabalhos futuros, visto que, o conteúdo estudado é rico e possui diversas abordagens, fazendo do tema uma contribuição para a pesquisa no ramo jornalístico.

REFERÊNCIAS

A VIDA da princesa Diana contada por algumas de suas imagens mais icônicas. **BBC Brasil**, 31 ago. 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-41103844> . Acesso em: 04 nov. 2020.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: Fragmentos Filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BIRESSI, Anita & NUNN, Heather. **The Culture Reader Tabloids**. Inglaterra: Open University Press; 1st edition, 2007.

BRAGA, P; CANZIAN, F. Para Hobsbawn monarquia e Blair "lucram" com a morte de Diana, **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 3 set. 1997. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft030920.htm>. Acesso em: 03 out. 2020.



BULIMIA da princesa Diana existiu mesmo e tem cenas pesadas em "The Crown. **UOL**, 15 nov. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2020/11/15/bulimia-da-princesa-diana-existiu-mesmo-e-tem-cenas-pesadas-em-the-crown.htm> . Acesso em: 19 nov. 2020

CONBOY, Martin. Celebridade na cultura tabloide britânica. *In*: TORRES, E. C.; ZÚQUETE, J. P. (coords.). **A vida como um filme**: fama e celebridade no século XXI. Alfragide: TextoEditores, pp. 124-148, 2011.

DIANA: In Her Own Words. Produção de David Tillman, Charles Furneaux: Reino Unido, 2017: Netflix parte 1.

COBERTURA DE DIANA É RECORDE. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 1 out. 1997. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/10/01/mundo/12.html>. Acesso em: 20 nov. 2020

HORKHEIMER, M; ADORNO, T. **Indústria Cultural**: o Iluminismo como Mistificação de Massas. Teoria da Cultura de Massa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

LILIA DINIZ, 2011. A crise dos tabloides ingleses. **Observatório da Imprensa**, 14 jul. 2011. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/a-crise-dos-tabloides-ingleses/>. Acesso em: 03 nov. 2020.

MCLUHAN, M. **Visão, som e fúria**. Teoria da Cultura de Massa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

MCLACHLAN, Shelley & GOLDING, Peter. Tabloidization in the British Press: aquantitative investigation into changes in British newspapers 1952-1997. *In*: SPARKS, C.; TULLOCH, J. (eds.). **Tabloid tales**: global debates over media standards. Lanham: Rowman and Littlefield Publishers, 2000. p. 75-90.

MORTON, Andrew. **Diana**: Her True Story In Her Own Words. Londres: BEST SELLER, 1992.

VIDA DE DIANA caminhava para o sórdido. **Revista da Folha**. São Paulo. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/9/07/revista_da_folha/3.html. Acesso em: 20 nov. 2020.

The Story Of Diana. Produção de Maura Mandt: Estados Unidos, 2017: Netflix 1 e 2.

The Royal House of Windsor. Produção de Rachel Findlay: Desconhecido, 2017: Netflix, parte 1.

BRAGA Paulo Henrique; CANZIAN, Fernando. Funeral de Diana leva 2 milhões às ruas e se torna evento global. **Folha de S.Paulo**, 7 de set. 1997. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/9/07/mundo/1.html> . Acesso em: 19 nov. 2020.